
A geograficidade religiosa das Novas Comunidades Católicas de Sobral (CE)

The religious geographicity of New Catholic Communities in Sobral (CE)

La geograficidad religiosa de las Nuevas Comunidades Católicas de Sobral (CE)

Antonio Jarbas Barros de Moraes¹ <https://orcid.org/0000-0002-7473-3317>

¹ Universidade Federal do Ceará/Rede Estadual de ensino do Ceará, Fortaleza, Ceará, jarbasgeografia@gmail.com

Recebido em: 20/05/2024

Aceito para publicação em: 29/09/2024

Resumo

Os estudos sobre lugar na Geografia abarcam uma variedade de perspectivas, que vão desde a condição locacional e identitária até a manifestação existencial. Em virtude da abrangência, o objetivo deste estudo foi de contribuir para a epistemologia do lugar. Neste contexto, realizou-se uma compreensão centrada nas Novas Comunidades Católicas de Sobral (CE), com foco nas comunidades Maranata e Rainha da Paz, interpretando-as à luz do conceito de lugar liminar. A metodologia adotada fundamenta-se no aporte teórico da Geografia Cultural e Humanista, especialmente, no subcampo Geografia da Religião, nas vivências dos membros e do pesquisador, e nas práticas como anotações, fotografia, entrevistas e expressão poética, resultando em uma abordagem geográfica que revelou os múltiplos significados atribuídos ao lugar.

Palavras-chave: Novas Comunidades Católicas; experiência; geograficidade religiosa; lugar liminar.

Abstract

Studies on place in Geography encompass a variety of perspectives, ranging from locational and identity conditions to existential manifestations. Due to its scope, the objective of this study was to contribute to the epistemology of the place. In this context, an understanding was made centered on the New Catholic Communities of Sobral (CE), focusing on the Maranata and Rainha da Paz communities, interpreting them in light of the concept of liminal place. The methodology adopted is based on the theoretical contribution of Cultural and Humanist Geography, especially in the Geography of Religion subfield, on the experiences of the members and the researcher, and on practices such as notes, photography, interviews and poetic expression, resulting in a geographical approach that revealed the multiple meanings attributed to the place.

[Geopauta](#), Vitória da Conquista, V. 8, 2024, e14411

Este é um artigo de acesso aberto sob a licença Creative Commons da [CC BY](#)

Keywords: New Catholic Communities; experience; religious geography; liminal place.

Resumen

Los estudios sobre lugar en la Geografía abarcan una variedad de perspectivas, que van desde la condición de localización e identificativa hasta la manifestación existencial. En virtud de la abrangencia, el objetivo de este estudio fue contribuir para la epistemología del lugar. En este contexto se realizó una comprensión centrada en las Nuevas Comunidades Católicas de Sobral (CE), con foco en las comunidades Maranatha y Reina de la Paz, interpretándolas a la luz del concepto de lugar limítrofe. La metodología adoptada se fundamenta en el aporte teórico de la Geografía Cultural y Humanista, especialmente, en el subcampo Geografía de Religión, en las vivencias de los miembros y del pesquisador, y en las prácticas como anotaciones, fotografías, entrevistas y expresión poética, resultando en un abordaje geográfico que reveló los múltiples significados atribuidos al lugar.

Palabras clave: Nuevas Comunidades Católicas; experiencias; geograficidad religiosa; lugar limítrofe.

Introdução

Os lugares não são estritamente materialidades, são também imaterialidade fenomênica, situada nas relações espaço-temporais. Cada pessoa produz à sua medida, nas suas experiências identitárias mundanas, sejam elas religiosas ou não, um lugar. Em virtude da amplitude da discussão objetivamos contribuir com a epistemologia sobre o lugar que reforçam a importância dos estudos de Geografia Cultural, situados no subcampo da Geografia da Religião no Brasil.

Propomos uma abordagem a partir das Novas Comunidades Católicas de Sobral (CE), voltando-se para duas delas a Maranata e a Rainha da Paz, compreendendo-as mediante uma noção de lugar liminar. As experiências dos membros e do pesquisador, por meio das práticas anotação, fotografia, entrevistas e texto poético, foram a metodologia, resultou em uma abordagem geográfica com significados plurais do lugar.

As revisões de fontes bibliográficas são oriundas das discussões no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (PPGGEO/UFC), mais especificamente no Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES) como, por exemplo, o lugar a partir do pertencimento e da afetividade (Relph, 1976) e (Tuan, 2012); o mundo a partir das experiências vividas (Buttimer, 1985) e (Serpa, 2019); sobre os significados (Cosgrove, 2012); geograficidade (Dardel, 2011); discussões sobre o sagrado (Souza, 2017); e a noção de *communita* (Turner, 1974).

Nas próximas seções contribui-se com o diálogo a respeito do lugar na Geografia.

O locacional, lugar e mundo teórico

A fim de iniciar esta parte da reflexão é fundamental elucidar que um entendimento sobre o local é influenciado pelo campo fenomenal. É que a geografia tem questionado a ideia de localização. Oliveira (2014) nos ajuda a pensar uma fluidez educativa do pensamento geográfico, que ao se flexibilizar tem potência de uma educação patrimonial. Neste caso, o lugar estudado está atrelado à lógica regional/mundial de devoções marianas, seja na Europa ou na realidade brasileira, mas que também significa a difusão de uma educação patrimonial que deve ser ensinada. É assim, que com a localização é destituído de uma ideia exclusivamente cartesiana, Oliveira (2014) faz um esforço para ultrapassar uma linguagem geográfica locacional.

O que tentamos perceber é algo que talvez já seja proposital, produzir uma reflexão plural. A propósito de não desprezar orientações afeitas a intencionalidades vividas, sentidas, vistas e escutadas, seja elas corporativas e estatais, apresenta-se um horizonte até agora não abordado explicitamente, afinal de contas perceber a amplitude continua do lugar é um constante desafio de possibilidades à distância. A partir do trabalho de Relph (1976), outras proposições surgiram com a premissa de ampliar o estudo do lugar para além do estado afetivo do local. Uma das

contribuições do autor foi promover o lugar a partir das essências dos fenômenos de que dispõe o mundo percebido. Por outro lado, outras pesquisas continuam acontecendo em ordem diversas, adensando a abordagem fenomenológica da Geografia, revendo limitações e desafiando o geógrafo.

Esta é a noção de que, no fenomenal é viável para uma significação das interações espaciais diversas. Em outras palavras, dirige-se a atenção para potência espacial da vida estimulada pelas experiências vividas e sentidas. Essa reação é uma tentativa de dizer que não é possível descrever o mundo vivido sem défices epistemológicos. Este aspecto da incompletude é considerado um status semântico da cultura, seja por significação dos processos representacionais, seja pelos significados negociados dos processos sociais que são atribuídos às formas físicas, seja pelo estímulo dos sentidos intensificados na duração da pesquisa.

Outro fator associado é a dificuldade de consolidação de uma ideia de local na vida cotidiana. Nos deparamos frequentemente com instantes e com perturbações locais que constituem orientações e referências. Na primeira condição, há a ansiedade de indicar um objeto procurado, a bola está próxima à cama e o carro está ao lado do teatro. Estes objetos também são referenciados pelo tipo, pigmentação e marca, a bola de futebol, o carro branco. Embora cada objeto, orientado e referenciado, a partir do que dispõe o espaço, e esteja com uma condição locacional aparentemente resolvida, a contestação da função, a bola de futebol usada futsal, a cor do carro é alterado pela distância e pelo horário do dia. E assim que primariamente usamos orientações para realizar buscas que, a propósito, não estavam perdidas.

Os geógrafos deram significados variantes para a localização no contexto específico de seus estudos. Para Lukermann (1964) foi uma descrição do arranjo interno de recursos do local e de recursos externos, com conectividade e situação dos arredores. É isso que foi exemplificados anteriormente, é que separadamente ou juntos, podem existir definições rígidas de localização em relação a algum outro ponto de referência. No entanto, localizar é um sistema conceitual de pensamento

relacional e de percepções. Este significado de localização para o geógrafo, – a condição de distribuição relativa da área em estudo e sem completude –, é o primeiro critério conceitual de fazer e ser geografia.

Lukermann (1964) enfatiza que é necessário, portanto, que o geógrafo não apenas meça objetivamente a localização e configuração da área de acontecimentos dos fatos na superfície da Terra, mas também saiba o que o homem experimenta nos seus arredores. É isso que está por trás dos atos de deslocamento do homem, que, por sua vez, dá caráter ao ambiente familiar através do prisma cultural de suas crenças, valores, educação e saberes, e da atuação como um ser geográfico do lugar e do mundo com experiências criativas.

É com o problema do mundo que lidamos e “é em direção a esse problema que caminhamos” (Merleau-Ponty, 1984, p. 18). Revelar o mundo é ter uma visão autônoma, mas, para ver, precisamos de um contato visível. Aquilo que é vista não depende apenas da minha visão, dos olhos na condição biológica, mas da experiência da carne e da regressão do corpo ao mundo. Assim, o que é a verdade é aquilo que objetivamos, ordenamos, mediamos e autorizamos. Falamos na terceira pessoas do plural para não sobrevalorizar a subjetividade, ela é indispensável, mas a demanda objetiva também a partir do contato com o outro, afinal fazemos o outro ao passo que ele nos faz, é dessa experiência correlacional de sujeitos-objetos que nasce a produção lugares e partir deles, mundos.

O imaginário é um caminho aberto que ajuda perceber circunstâncias para a existência do mundo com centro criativo de cada indivíduo, conseqüentemente, a estudar cultura. A cultura acontece no tempo da narração que se reconhece os sistemas simbólicos. Há o tempo cíclico, mas não o entenderemos na rotina sucessiva do cotidiano. A temporalidade é dominada pela imaginação, não nos ciclos. Então o comprometimento é pela compreensão conceituada do pensamento não separatista de espaço.

Sublimamos, entretanto, desde já, essa preocupação com o presente e futuro. Durand (1989) apresenta, em formato hipotético, a estrutura do presente da narração.

Neste caso o futuro presentificado, que é transformado em perspectiva da imaginação. A imaginação não é, genuinamente memória de um passado determinado, aquele das datações, mas também não é um presente operando estatização de um agora, e o futuro não é um devir previsível. A questão que levantamos é da imaginação geográfica com vocação de temporalidade multiplicada na experiência espacial do lugar. Se atentarmos para essa ideia durandiana, perceberemos que se, de um lado, o lugar se apresenta com um tempo do acontecer passado, conceituado em um movimento linear da história, e de um outro, além disso, é estabelecido um esquema parcial da noção de síntese do acontecimento.

O presente é socialmente construído na precariedade do mundo. No caso da religião, por exemplo, na católica, ela busca uma ordem legítima nas ações coletivamente humanas. Entretanto, a sociedade está constantemente mudando. São nas mudanças que surgem comportamentos diversos, que por vezes ameaçam ordens oficializadas. O que significa que sustentar esta legitimação cósmica é conservar a visão iluminada de sagrado, ao contrário seria a escuridão, que respectivamente são na visão durandiana, diurno e noturno.

Diante disso, podemos relacionar a construção de um discurso que é historicamente mostrado na retórica das instituições religiosa da sociedade. A representação da religião por uma ótica oficial quase sempre incide em modelos explicitamente coordenadores de intenções soberanas como uma forma de manutenção da racionalidade religiosa das ações eclesásticas. Assim, é o sentido de religião, na condição de homogeneidade, de cosmovisões e de reafirmação criativa humana. O que caracteriza, na visão Peter Berger (1985), geralmente, este contexto é que o mundo socialmente construído estaria fora da ideia de cosmo. A crítica a esse contexto é de conceber a religião fora da realidade socialmente instituída como ultimato dos deuses à vida humana. O resultado é que outros mundos transcendentais estão sempre na condição de ser compreendidos.

Peter Berger (1985) enfatiza que a religião é uma visão de mundo competitiva, haja vistas lida com outras. A singularidade diz respeito a pretensão de enaltecer a

dedicação humana a um projeto marcado pela legitimação do sagrado avessa a vida ordinária. Essa dimensão do sagrado é um desafio intelectual tendendo para expectativa multifacetada. O sentido plural do mundo corrobora uma expectativa da criatividade dos lugares, ajudando criar uma movimentação interreflexiva de aportes teóricos-metodológicos que ora entendem, unem ou separam o sagrado (e o) profano. Entretanto, qualquer escolha especulativa acontece no espaço geográfico. Antes dessa possibilidade elucidativa, temos que lembrar da conceituação que nos ajudar produzir uma compreensão de lugar.

O sentido sacro-profano não é unicamente um estímulo pela inquietação de ver o sagrado e o profano unidos numa teia de intercessões que se arrisca a qualquer momento se separar. A direção deste pensamento é menos cômoda e mais situada nos confins ou horizonte da fé perceptiva. Se é uma fé pouco sabemos das provas que reunimos, e além delas podemos ser constantemente ameaçados por uma não-fé, colocada no limite exclusivo da objetividade. Esse é um tipo de presença perceptiva que não pretende afirmar ou negar, ainda que a experiência permita opinar sobre a conceituação da vida religiosa, teorizando uma vivência geográfica, a evidência subjetiva, ao invés de sobrevalorização reveladora da verdade, é a própria dinâmica contínua da compreensão espacial do lugar.

O lugar, seja numa ótica sagrada e profana ou sacro-profana, é melhor exprimido pelos pontos sensíveis do mundo, acionados pelas experiências humanas na Terra. Por isso, a religião é uma prática humana ponto de partida para o estudo do lugar, mas não a única, nem estritamente locacional, porém plural. As Novas Comunidades Católicas de Sobral (CE), oriundas do movimento de renovação carismática da Igreja católica, foram os lugares de experiências espaciais que, inclusive, possibilitaram a compreensão de significados aliados ao contexto social e religioso.

O lugar liminar: metodológico

Na experiência não existe uma determinação sobre condição de lugar. Lugar, além de fixo, pode ser efêmero, essa é a realidade contínua, compreensão chamada de liminar do sujeito, revestida de sentidos que atravessam temporalidades. Trata-se do momento de margem dos sujeitos espaciais, em que suas práticas não estão determinadas, podendo passar por processo transitórios de redefinições, neste caso um entre-lugar importante à Geografia que carece sempre de inspeção do geógrafo (Turner, 1974). Este texto é proveniente de uma pesquisa de doutorado nos anos de 2020, 2021 e 2022, nela compreendeu-se que essas liminaridades elaboraram *communitas*, o exemplo das Novas Comunidades Católicas de Sobral (CE), vinculadas a renovação carismática da Igreja católica, duas aqui demarcadas, Maranata e Rainha da Paz. São os lugares dos quais vivenciamos uma realidade *communita*, política, de pertencimento e as essências do mundo percebido, que, metodologicamente, exprime uma condição liminar a partir do encontro de experiências entre os membros das comunidades e do pesquisador (Merleau-Ponty, 1999, Berger, 1985; Tuan, 2012; Relph, 1976). Essa dinâmica constituída pelos sujeitos em suas interatividades grupais é do viver religioso, de modo que as ritualizações são plurais e incessantes na produção de significados do lugar liminar (Turner, 1974). Nesta seção, trouxemos algumas dessas compreensões.

Esta fotografia a seguir representa uma das liminaridades que compõem a vida religiosa em *communitas* (Foto 1). É a sede da Nova Comunidade Católica Rainha da Paz de Sobral. A imagética representada na fotografia ajuda a compreender o contexto espacial do lugar, estimulando a imaginação para uma interpretação plural.

Foto 1 - Sede da Nova Comunidade Católica Rainha da Paz de Sobral (CE)



Fonte: Pesquisa de campo, foto: Moraes, outubro de 2022

Vê-se a capela com significados variados. Ela tem uma arquitetura que mistura simbologias: na frente uma grade de ferro separa a capela da rua, um arco que representa a passagem para o interior, no topo uma cruz, que identifica a manutenção da dinâmica conservadora de devoção, e no interior há bancos e um altar com um púlpito para celebrações. É um contexto católico carismático. Por isso, a atenção durandiana para esses arranjos geométricos (Durand, 1989). O prédio corresponde à mística e centralização do contexto político do grupo. É nele que se projeta a difusão missionária multiescalar, do local ao (inter)nacional. Além disso, o acontecer religioso imaterial, em que o membro se apoia como suporte devocional, é manifestado no simbolismo ali presente.

O enredo simbólico de devoção mariana mostra a comunhão do lugar com os membros. Isso ocorre, nas imagens posicionadas em locais de fácil acesso e visualidade, como essa de Nossa Senhora Rainha da Paz na foto anterior, que fica na entrada principal, ao alcance da vista daqueles que adentram o recinto. A firme posição tem a função de recepcionar e ser saudada, antes de qualquer prática no interior do recinto. Parece haver preocupação com a mensagem que honra a comunidade. Por isso, as idas e vindas do lugar devem estar de acordo com as suas

práticas devocionais marianas. Sabe-se que a vida religiosa nas Novas Comunidades Católicas (NCCs), sobretudo nas sedes, replica uma metodologia ritualística da Igreja, reza do terço, celebrações, ladainhas, devoção aos santos, novenário do seu padroeiro e outros, no entanto, apesar da obediência à hierarquia canônica, se arranja espacialmente de acordo com suas visões de mundo, juntando realidade religiosa e política em um só lugar, em outras palavras, é ali que se reza e se planeja práticas de evangelização, manutenção e difusão (Berger, 1985).

Há outros símbolos significativos neste ambiente. A cruz, na imaginação mariana carismática, tem forte apelo simbólico nas suas práticas. Esse símbolo, além de representar, em contexto diverso, a realidade cristã, também diz respeito a uma centralização das Novas Comunidades Católicas (NCCs), dentre as quais versões da cruz são ambientalmente distribuídas em capelas, escadas e murais. A escada, apesar de carregar o significado de ligação entre a parte inferior e superior, atinge outro patamar de passagem entre mundos quando, nas comunidades, a sua direção é significadora de um movimento de adoração, no caso da foto, de encontro com a cruz e das demais atividades de evangelização que são realizadas no segundo piso. Esse sentido de escada e cruz é afirmado nas práticas religiosas dos membros, como nos colares que são discutidos na próxima seção, nas vestes, banners e livros. É uma indicação de manutenção da singularização por forças políticas exercidas pela realidade institucional destas associações religiosas com a Igreja (Moraes, 2022).

A loja e a lanchonete remetem a bens econômicos que foram importantes na entrada na sede desta comunidade. No caso desta pesquisa, eles contribuíram para ampliar as relações e produzir compreensões baseadas em algumas situações vividas da experiência espacial, amparadas pelas de Tuan (2012), Relph (1976) e Claval (2010).

O contexto econômico se articula para viabilizar arrecadação de recurso financeiros e a promoção da evangelização. O lugar denota uma forma simbólica, espacial e religiosa, com significados que representam as relações com o sagrado instituído pela Igreja e pela experiência dos fiéis (Souza, 2017). Essa construção do

lugar, abrange desde a vida cotidiana a tensões e relações sociais com a conjuntura local e nacional.

A sede da comunidade é uma forma simbólica espacial importante do contexto espacial carismático e eclesial. Segundo Corrêa (2007, p. 9), uma forma simbólica “tem uma localização absoluta, um sítio, onde ocorreu um evento considerado significativo, ou que é considerado adequado ou eficaz para celebração, contestação ou memorialização”. Neste caso, não é um evento extraordinário de aparição de Nossa Senhora que sustenta o mito fundador, corresponde um apanhado de significados de caráter religioso, político, social e econômico, portanto, proporciona compreensões do simbolismo mariano envolvendo muito mais do que as forças históricas que o moldaram, mas também dinâmicas espaciais que transbordam o lugar (Lukermann, 1964). É o exemplo da lanchonete e da loja, que atendem membros e são abertas ao público em geral, já que estão situadas no centro comercial da cidade.

Por outro lado, a Nova Comunidade Católica Maranata, afastada do centro comercial, possui a infraestrutura mais voltada ao processo de formação para evangelização, envolta de fatores econômicos explícitos (foto 2).

Diferentemente da anterior, esta possui apenas um pavilhão onde são distribuídas as suas funções, administrativas, áreas de convivência, auditório e capela. Não diverge completamente nas suas circunstâncias, pois seus arranjos são, principalmente, ligados ao simbolismo mariano. A arquitetura apresenta dois andares, um térreo administrativo e um segundo voltado às celebrações e reuniões. Além disso, a ornamentação do lugar conta com quadros que simulam fases de crucificação de Jesus Cristo, do santo baluarte, padroeiro da comunidade, e a Cruz, sinal da comunidade (painel 1). Tratam-se de ações que contribuem para a Igreja não perder a sua influência, mas também da secularização que reage lentamente a esse processo de influência eclesial, que não representa um indicativo de inteira liberdade do homem na religião, todavia um ato que contribui com uma hegemonia católica (Oliveira, 2014).

Foto 2 - 1Fachada da Nova Comunidade Católica Maranata



Fonte: Pesquisa de campo, foto: Moraes, outubro de 2022

Painel 1 - Altar da capela da NCC Maranata e ornamentação interna para datas comemorativas da comunidade na cidade de Sobral- Ceará



Fonte: Pesquisa de campo, foto: Moraes, outubro de 2022.

Em ambas as imagens, o sentido é muito acentuado, envolvendo a diferenciação espacial religiosa. A primeira é uma referência de vida religiosa, que tem a ver com “viver como ele viveu”. E a outra é o sinal que é um atributo de particularidade devocional da Maranata. O significado coletivo do sinal é

compreendido entre as geograficidades religiosas do lugar abordadas na próxima seção. Não há dúvida de que o sentido de Igreja é reorganizado espacialmente. O templo, uma catedral, um santuário e outros deste ciclo mariano, são mais voltados a uma rotina clerical, com ritos fechados nas suas doutrinas católicas, e a vida em comunidade/comunidade religiosa é essa experiência liminar/contínua grupal que busca renovação, agregando uma organização espacial com camadas de significados religiosos para além de Nossa Senhora (Cosgrove, 2012). As representações imagéticas anteriores e o altar da Maranata (painel 1), corresponde aos significados dos esforços pré-conscientes dados a experiência diária de cada lugar (Buttimer, 1985; Serpa, 2019).

O Painel 1, mostra, além do que está evidente (um altar), o envolvimento dos membros com a comunidade. O envolvimento remete à conduta religiosa que sacraliza o lugar. Ao fundo é representado a trindade encarnada na narrativa religiosa cristã com os atores terrenos José, Maria e Jesus; ou na dimensão transcendental de Pai, Filho e Espírito Santo. A assunção destes sujeitos vai na direção de um só Deus. Assim, os resquícios de uma realidade imaterial, materializada no modo de vida do lugar, envolve o contexto mitológico e contemporâneo (Durand, 1989). Talvez não seja tão didático enxergar este último, mas basta se voltar aos atributos espaciais ali presentes, como a vela elétrica, o acabamento em vidro e mármore dos móveis e a proteção de um coração em um compartimento com fechadura, que é possível associar a uma conduta hierárquica exigida para pertencer àquele lugar. É uma situação geográfica específica que somente alguns podem ficar no púlpito, de frente para os fiéis e ter acesso àquele misterioso coração, Marandolo Jr. (2020). Essas regras causa um eufemismo ou gulliverização que serviria, segundo Durand (1989) para amenizar os efeitos de situações catastróficas em uma árdua trajetória. A iconografia continua a despertar redobramentos simbólicos no religioso, destacando a presença do sagrado, a saber: a frase “Amém: vem senhor Jesus”; coração emoldurado; velas elétricas e pintadas; pomba como animal símbolo do Espírito Santo; anel de luz circundante à cabeça dos

santos; sol e lua, elementos da natureza que fracionam o modo de vida religiosa em dia e noite. Pouco importa se exista um espaço fracionando, mas o geógrafo não pode esquecer

Clarificar as imagens que se põem à disposição do olhar geográfico continuará sendo um desafio, elas não se bastam em si, são do dinamismo do mundo menos normativos e mais vividos, carregadas de sentidos próprios da essência de ser dos sujeitos e significados espaciais produzidos no transcurso social vivido no lugar (Buttimer, 1985; Serpa, 2019). Pode-se dizer que, em uma imagética, essas imagens estabelecem uma compreensão em dois planos, nos quais a dimensão espacial está neles inseridas. A priori é o plano fotográfico que é visto imediatamente na imagem, isso colocado na sequência do final do parágrafo anterior, e o segundo é o imagético, complementar ao primeiro, é originário da imaginação geográfica a partir da experiência, do enredo político-religioso, que produz essências e sentido das coisas vinculadas ao mundo produzindo no modo de vida religioso (Holzer, 2011; Marandola Jr., 2020). Assinala-se que a vida religiosa é composta de situações que reforçam a não de lugar liminar, em alguns casos, produzem geografidades religiosas.

Geograficidade religiosa do lugar: experiência

Esse é um esforço poético que possibilitou o encontro com a leitura de Eric Dardel (2011), na qual a realidade geográfica está “oculta e pronta a se revelar” (Dardel, 2011, p. 34), avessa à sucessão dos acontecimentos do cotidiano, simbolizando um retorno a um saber misterioso ou não saber [intrínseco ao que está aparente aos olhos], mas não aos sentidos, é o mundo já dito por Buttimenn (1985). É uma tentativa de abordar o sentido de habitar as/nas coisas e pela sua aliança com o entorno, externalizando as ligações com a Terra. Este empenho se refere à geograficidade (relação homem-terra) e para uma especificidade desta pesquisa a geograficidade religiosa, significada pelos inúmeros comportamentos da realidade

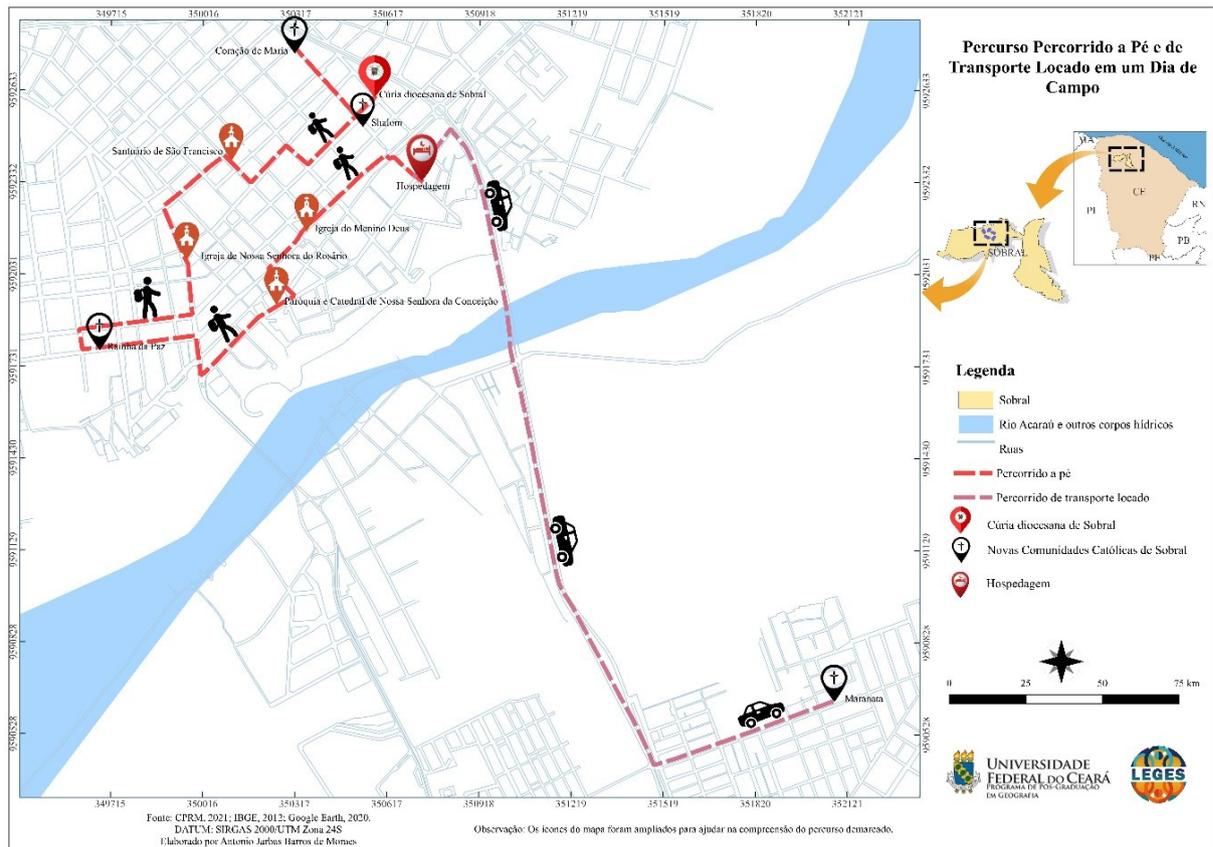
comunitária do lugar, revelando um cenário de experiências das comunidades. Nesta direção, o lugar é compreendido no domínio do imaginário mariano. O lugar, pela experiência mística religiosa, por exemplo, exprime aquilo que significa a existência humana perto do sagrado (Souza, 2017; 2018). Em suma, o encontro do pesquisador com o acontecer religioso do lugar.

No dia 15 de maio de 2022, foi percorrido um caminho, uma viagem para Onfrey (2009), a pé, uma peregrinação rumo ao espaço sagrado para Souza (2017), no turno da manhã, do local de hospedagem, passando pelo Arco de Fátima, Igreja do Menino Deus, Igreja da Sé, sede da NCC Rainha da Paz, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Santuário de São Francisco, Cúria diocesana, a casa de missão da Shalom e a sede da NCC Coração de Maria; e no turno da noite, na Comunidade Maranata, pela distância de pouco mais de 5 (cinco) quilômetros, percorrido em um carro acionado por aplicativo. Lá foi possível participar de uma reunião com celebração. O percurso e alguns desses lugares estão brevemente representados nas no mapa 1.

O encontro com o lugar pode ser encarado como uma viagem que representa a recusa de padrões sociais, “representar é situar-se por um momento em uma situação imaginária, e divertir-se em mudar de meio” (Merleau-Ponty, 1999, p. 1989). Nela os devaneios, a criatividade da imaginação, expressam algumas geograficidades religiosas percebidas por meio de anotações no trajeto da pesquisa. “Todos os viajantes narram suas peregrinações em cartas, cadernos e relatos” (Onfray, 2009, p. 23).

Eis uma situação da percepção, uma certa relação primaria, o contado imediato com o mundo e sensível com as coisas, no modo de compreender de Merleau-Ponty (1999), do pesquisador em relação aos sujeitos espaciais que são interconectados por meio de padrões de comportamentos estabelecidos pelas suas práticas religiosas.

Mapa 1 - Mapeamento do percurso percorrido a pé e de transporte locado em um dia de campo



Fonte: Moraes(2022).

A lanchonete esteja aberta para o consumo de clientes, independentemente dos seus credos, seus funcionários são intimamente ligados ao ordenamento sacro da comunidade, de tal modo que se pode notar o logotipo do uniforme como sinal de obediência ao grupo. Se demorar ali possibilitou olhar o movimento em relação ao contexto religioso e comercial. Tais significados foram percebidos, – sentidos e anotados. As anotações foram produzidas na demora, possibilitada pela participação, ou seja, o terço adquirido na loja Rainha da Paz e o café na lanchonete. Apesar das inúmeras xícaras de café terem se revestido em conversas com funcionários do estabelecimento, elas quase sempre terminavam em descrições do local sem menção acerca das ações internas do lugar, justificando que “na comunidade somente membros podem participar de atividades de formação, outras pessoas somente em reuniões gerais” ou então porque os funcionários só estão ali a serviço da associação. Esse silêncio certamente faz parte de suas condutas, no entanto, não é algo afirmativo. É um comportamento reproduzido também na loja. Estar lá a serviço é

manter um silêncio em relação ao complexo comunitário. A comunidade está a serviço de todos, desde que atenda aos seus interesses. Uma rifa para arrecadação de fundos é amplamente difundida, não ficando restrita aos membros, qualquer sujeito interessado pode comprá-la, todavia, ter um contato com um fundador, por exemplo, somente com autorização.

As relações de trocas são alternativas viáveis para uma interação íntima, mas não requisito final da interpretação. As narrativas possuem seus repertórios que puderam revelar ou omitir, em suma aquilo que é dito é importante, mas o que não foi dito também revela a necessidade de a comunidade restringirem as suas ações. Estar sentado ali conversando sobre assuntos quaisquer ou sem proferir palavras, escrevendo sobre o que senti, fez notar/observar/ouvir que “são proibidos: animais, uso de celulares no interior da capela e deixar a luz dos banheiros ligadas”, “tem wi-fi”, “a comunidade se sujeita às ações da paróquia do Patrocínio do município de Sobral”, “é subdividida em ministérios: música, audiovisual, coordenadores de grupos de orações e outros”. Isso é incomum à Maranata, tanto na organização ministerial quanto na disposição das ações direcionadas a uma paróquia, nessa última, em Nossa Senhora de Fátima. Ciclicamente, o membro se movimenta entre sede e paróquia, salvaguardando a sua identificação comunitária nas práticas de consagração, no uso de um colar chamado Tau/Sinal, em Durand (1989) um símbolo ascensional do imaginário carismático:

Cada comunidade o sinal, normalmente, nenhuma é igual a outro. O nosso, por exemplo, você vê que ele é uma cruz, sem a imagem do Cristo crucificado, apenas com esse, a gente chama, como se fosse o lençol que envolveu Jesus, o último sudário que envolveu Jesus na sepultura. E por que que ele é assim? Então, a cruz, porque nós somos chamados a assumir a nossa missão e ela, muitas vezes, parece ser Cruz. Na verdade, a cruz ela não é o fardo, ela é a ponte que nos leva para o céu. E todo sofrimento, se você une ele ao de Cristo, ele é Redentor. Se você renunciar a ele, ele pode em vez de te salvar, te condenar. E quando você aceita aquela dificuldade e parte para cima dela da seguinte forma, falo numa linguagem popular, e aí vai lutar contra ela, mas lutar contra ela, ela vai ser vencida. Quando você

murmura, reclama cada vez mais vão te fazer sofrer. Então a nossa Cruz, ela é a escada que nos leva para o céu (Representante da NCC Maranata, 16 de maio de 2022).

Ele fala dos significados dos colares que membros de comunidades usam, que são nomeados de Sinal ou Tau. Geralmente outras comunidades usam como símbolo de renovação da fé e de diferenciação entre grupos. No caso da Maranata esse sentido de pertencimento e salvação é o Sinal, usar é pertencer ao lugar (Tuan, 2012). Internamente existe um só sinal, confeccionado em bronze, com um “lençol” que o envolve, representando o encontro do carisma aos pés da Cruz e, conseqüentemente, o momento de fundação da comunidade. Ter a cruz, segundo o que se contou, é um indicativo de compromisso com a fé, “não é o fardo, ela é a ponte que nos leva para o céu”, carregá-la significa ter gratidão e empenho para o reconhecimento na santidade. Na Rainha da Paz ele é chamado de Tau, é uma Cruz confeccionada em tonalidade prata, não foi possível saber se o material é de prata, com a palavra “MIR” impressa, – que significa paz, na língua croata –, porém, os demais significados são incomuns, a ideia de “ponte”, elo e “escada” têm a ver com a vida terrena, a horizontalidade daquilo que se vive na religião católica, e com a divindade, a verticalidade de encontro com a salvação. Esse é o dinamismo da conversão comunitária que se configura em viver em missão diariamente pelo membro. O Tau/Sinal é um sinal de espiritualidade, mas também de ações com diferenciação, disputa e identificação das essências do lugar (Holzer, 2011).

Em conversa com alguns membros, em outro daqueles cafés já mencionados, ele conta que “ação social da comunidade não é a mesma laica”, ela “é mais preocupada com a totalidade básica da doutrina da Igreja: evangelizar”. O propósito simbólico por trás das ações é a continuação da obra comunitária, doar, construir creches e outros, sucedidos de convites para conhecer as dependências do grupo. Os símbolos da infraestrutura, prédio e serviços diversos, fazem parte do convite para um encontro com a evangelização. Por isso, não é como a “laica”, na qual ações diversificadas dialogam com inúmeros contextos sociais. Sendo assim, um agir

religioso do conjunto de práticas conservadoras, no olhar de Stump (2008) um controle que impõe limite sobre o comportamento espacial religioso, viabilizando o interesse da comunidade e no que estaria além dos seus limites. Entre tais atitudes se visa atrair membros em detrimento de um incentivo a uma comunicação plural com a sociedade.

O sentido conotativo da relação jovem e comunidade privilegiam a repentina excitação do corpo que se verifica pelo processo de consagração produzido pela evangelização carismática. Pode-se assim dizer, como Merleau-Ponty (1999, p. 122), que “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio difundindo-se com certos projetos e empenha-se continuamente neles”. É através do corpo que se tem consciência do mundo e que, parcialmente, se põe à disposição. Esse é o conteúdo da experiência. São as geograficidades religiosas comunicadas a partir da corporeidade dos membros. Essa compreensão implica em vida religiosa repleta de atributos de controle e afirmação do lugar. À medida que os fiéis são atraídos para o lugar, necessita-se que as práticas comunitárias sejam configuradas de acordo com a juventude. Em outras palavras, passe-se a aceitar o corpo mais movente e uma vestimenta despojada, diferente daquelas exigidas para se assistir a uma celebração em alguns templos. Acrescenta-se ainda a questão organizacional, com cadeiras dispostas em círculos para realização de performances sincronizadas, visando a permanência do membro no grupo, a prática religiosa é assim representada, inclusive, acrescenta-se, neste sentido, segundo Carranza (2009) que a tecnologia é uma aliada às comunidades na fase midiática dos anos 2000.

Nas duas comunidades, Maranata e Rainha da Paz, a performance dos grupos é conduzida por coordenadores. De modo que parece ter um consenso entre os presentes, pois existe a semelhança nas práticas como no instante de leituras de passagens da bíblia; nas orações de olhos fechados e com choro; nas músicas cantadas e tocadas; nos contatos corporais de cumprimentos, como abraços e mãos aos ombros; na repetição de frases de efeito evangelizador, como “você precisa desse irmão para chegar ao céu”, “você ora por mim e eu oro por ti”; na posição dos corpos

de pé com braços para trás, se movendo de um lado para outro. Neste intento, as práticas religiosas dos carismáticos se aproximaram do pentecostalismo, transformando-se em um atrativo contemporâneo para jovens, mas também se difere pela realidade devocional diversa em Maria e noutros santos. Em virtude da infraestrutura, dos cultos e do simbolismo religioso, esses lugares de formação religiosa, em função da experiência de fé existente, são atrativos para quem quer vivenciar uma formação no catolicismo carismático. Entretanto, além da controversa ideia de renovação e das escolhas pessoais dos membros de buscar pela renovação da sua fé, eles são também uma extensão da Igreja, por isso sua peculiaridade não dispensa a doutrina católica, já dito insistentemente, parte do que ali é feito, antes é validado pelo clero. Nesse sentido, reforça Suárez (2014), que os movimentos de novos carismas são orientados pelo caráter dogmático da doutrina católica.

No percurso, passamos pelos pontos demarcados no mapa. No entanto, foi possível se demorar mais em alguns, o caso das duas comunidades. Essa parte da experiência foi reunida em frases escritas ao longo do percurso, especialmente quando houve paradas para observar. Trata-se de uma perspectiva de compreensão textual e poética apresentada a partir da cultura devocional mariana. “Não quer dizer que a poética atende integralmente as normas da escrita, em coesão, coerência e clareza, justamente por isso chama-se de “Imaginografia do percurso liminar” ...”, foi sendo produzido por meio da geografia em ato, no campo da pesquisa a partir da poética espacial desses lugares (Infográfico 1) (Dardel, 2011; Bachelard, 1993). Nele os significados simbólicos apresentados anteriormente reaparecem com um sentido poético da vida comunitária, que está ligado à escrita e à imaginação espacial.

Infográfico 1 - Imaginografia do percurso liminar

Imaginografia do percurso liminar...

*É o encontro que liberta da prisão...
Só vá a esse encontro com roupa de orar...
Não pode entrar de mochila...
Da vela elétrica ao santo de papel...
Aceite que existimos para... e por decreto...
Quem mais cativa é a porta... aberta ou fechada...
Volte depois... de outra geração...
Disso aí quem sabe é ele, não eu...
A luz para leitura... meia-luz para rezar...
Voz de veludo “encanta”...
Em conversa combinada... olha o tempo... tem a pizza
O “Tau” colar de outro... o nosso é o “Sinal”... com “M” de
sagrado...
O corpo... se for de comunhão pode coreografar...
Obedecer não é se subordinar...
O novo parado na velhice...*

Fonte: Moraes (2022)

O início tem a ver com a rotina devocional mariana ou marianismo (Moraes, 2022), aquilo que em regra estabelece um perfil do frequentador dos templos e comunidade. De modo que a vida religiosa seria uma libertação de uma prisão abstrata dos males sociais (Berger, 1985). Para tanto, é preciso atender aos preceitos religiosos do lugar, exigência de uma roupa adequada, como o uso de calça comprida e não adentrar áreas administrativas destes lugares portando alguns adereços, como mochilas e semelhantes. É um caráter estrutural que possui uma ressignificação nos adereços, uso de velas elétricas e imagens de santo emoldurada em papel. A existência desses lugares tem um sentido legal a partir do instante em que suas atividades são reconhecidas por decretos e estatutos. Assim, apesar de uma quase autonomia das práticas, de ações que surgem de fora para dentro da Igreja, há uma narrativa, já discutida anteriormente, do reconhecimento das comunidades no âmbito diocesano e papal.

O ato de cativar está diretamente relacionado aos encontros com as comunidades, o desbravamento do sentido das coisas pelo geógrafo (Marandola Jr., 2020). Foi assim que nos deparamos com a negação, na modalidade on-line, presencial ou nas duas, era suavizada com justificativas sobre aquele que abriu a porta não ter conhecimento sobre a realidade ali vivida. É oportuno ressaltar que o detalhe da participação em alguns dos lugares, nas celebrações dos grupos de orações, está evidente nas anotações acerca do uso da luz para rezar. A luz serve para ler e dançar, meia-luz para rezar. Outro significado percebido foi na entonação de voz elevada, romantizada, embargada, imperativa, afirmativa e negativa, que dá conta de uma imersão efêmera no rito carismático. Ritualização desta natureza implicam em mundos dos significados, considerando as práticas devocionais que contribuíram para a construção do simbolismo do lugar sagrado de devoção mariana (Rosendahl, 2018)

Embora o movimento devocional tenha um contexto fabulado na presença do membro nos eventos comunitários, a sua demora é marcada de acordo com a disponibilidade, já que não é possível ficar mais do que os seus afazeres diários permitem. Portanto, as ações devem ser combinadas em espaço e tempo. Após a vivência coletiva nos grupos de oração, a vida continua nas aulas da faculdade, na pizzaria, padaria e hospital. Isso diz respeito ao interrelação entre as atividades religiosas da comunidade e as práticas cotidianas locais aonde alguns membros realizam.

A variação entre comunidades está presente nos seus adereços usados, como já dito, nos colares e roupas com imagens de santos baluartes de devoção. Quanto o “M” de “Maria” da Maranata tem a ver com a devoção mariana que faz uma ligação entre eles. Diante disso, se qualquer prática do grupo estiver em comunhão com esse ato devocional, é admitido canonicamente. Por isso, o corpo para além de obedecer aos comandos sacerdotais de uma celebração, sentar, levantar e responder “amém”, pode coreografar. A obediência é tão forte quanto parece, afinal membros que compõem a fundação das comunidades fazem ou fizeram parte do contexto

administrativo da cúria. Assim, a nascente de uma obediência não é derivada da comunidade, é da própria Igreja, pois é ela que entende se um grupo é ou não uma comunidade. Neste caso, ainda que neguem a subordinação, seguir uma hierarquia conservadora é dizer o contrário, que a comunidade depende mais da Igreja para existir do que o inverso.

O conceito de lugar é associado os meios institucionais, cotidianos e pessoais por meio dos quais o membro realiza a vivência entre Igreja e comunidade. Ele é orientado pelas suas escolhas, regras de vida e pelas exigências clericais, que são, entre outras, os meios que favorecem a existência de geograficidades religiosas, anteriormente pontuadas. Essa abordagem contribuiu com as compreensões do lugar fundamentadas em realidade religiosa, política e econômica do catolicismo carismático Novas Comunidades Católicas de Sobral.

Reginaldo Prandi (1997) caracteriza catolicismo carismático como um movimento conservador que se opõe ao pentecostalismo, esse é o olhar de dentro para fora do movimento, e o olhar para dentro é hegemonicamente a política da Igreja. Contudo, a oposição carismática não se restringe ao pentecostalismo, mas a qualquer discussão que seja capaz de atravessar várias denominações religiosas, expressando uma aversão ao dinamismo plural produzido na sociedade pelas minorias, relacionadas à família, sexuais ou femininas. Por isso, apesar da cosmovisão do mundo voltada à Nossa Senhora, existe, além disso, a proximidade às efervescências das questões políticas de renovação ativa no catolicismo e, do pesquisador, o esforço poético para perceber algumas essências do lugar.

Considerações finais

O lugar está na direção dos caminhos geográficos de poucas definições e mais experimentações. Ele é irrestrito a escala do idioma, do municipal e da ancestralidade, abrindo-se para o horizonte mundo. Nesta abrangência horizontal fizemos uma abordagem nesse artigo, compreendendo o lugar, Novas Comunidades

Católicas Maranata e Rainha da Paz de Sobral (CE), as partir das liminaridades, um sentido efêmero de comunidade que a produz o lugar liminar.

O lugar denota criatividade humana para além de uma rotina oficial, engloba (i)materialidade na construção simbólica do espaço. Este tipo de reflexão é um desafio teórico-metodológico cada vez mais emergente na geografia. E a metodologia usada permitiu-nos refletir sobre o lugar enqu, com momento de estabilidades e rupturas.

Essa é uma contribuição à ciência, à Geografia Cultural, com especificidade, à Geografia da Religião e à Geografia Humanista, atendendo intencionalidades formais dos objetivos propostos. Entretanto, a multiplicidade dos significados fluentes do lugar, de caráter político, religioso e representacional, por princípio, não pode constituir um desfecho rigoroso, servirá para embasar outras reflexões por nós produzidas e de outros geógrafos, no futuro.

Referências

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. 200p.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido”. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985, pp. 165-193.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 173p.

CLAVAL, P. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010. 132p.

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. **Novas Comunidades Católicas**: em busca do espaço pósmoderno. Aparecida: Ideias & Letras. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço – Algumas considerações. **Aurora - Geography Journal**, v. 1, n. 1. p. 11-19, 2007. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/aurora/article/view/1680>. Acesso em: 13 jun. 2021.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989. 326p.

DARDEL, E. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 176p.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 140-153.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gionatti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1984. 274p.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 665p.

MARANDOLA JR., E. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, n. 19, p. 1-12, 11 de abril 2020. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19008>>. Acesso em: 11 abr 2020.

LUKERMANN, F. Geography as a Forma Intellectual Discipline and the Way in wich it Contributes to Human Knowledge. **Canadian Geographer**, v. 8, n. 4, p. 167-172, dezembro de 1964. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1541-0064.1964.tb00605.x>>. Acesso em: 23 de jan. 2020.

OLIVEIRA, C. D. M. **Caminhos da festa ao patrimônio geoescolar**: como educar sem encenar geografia?. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 237p.

PRANDI, Reginaldo. Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático. 1. ed. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1997. 181 p.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976. 174p.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. 408p.

SOUZA, J. A. X. Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO. 2017. 229 f. **Tese (Doutorado em Geografia)** – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, J. A. X. A Geograficidade no Caminhar de peregrinos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v.8, n, 1, p. 47-61, 28 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a12987>>. Acesso em: 28 out. 2018.

TURNER, V. **O processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Protrópolis, Vozes, 1974. 246p.

SUÁREZ, Ana Lourdes. Nuevos movimientos y comunidades eclesiales “católicas” ¿Qué renuevan? Sociedad y Religión: Sociología, Antropología e Historia de la Religión en el Cono Sur, **Argentina**, v. 24, n. 42, p. 92-131, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=387239045005>. Acesso em: 03 fev. 2021.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 319p.